

Céltica

Caderno de Estudos Galaico-Portugueses
Porto (1960-1961)

EDICIÓN FACSIMILAR



XUNTA DE GALICIA

Céltica

Caderno de Estudos Galaico-Portugueses
Porto (1960-1961)

EDICIÓN FACSIMILAR

Coordinador da edición

LUÍS ALONSO GIRGADO

Estudo liminar

MARIA ISABEL MORÁN CABANAS

Edición e notas

CÉSAR CAMOIRA VEGA

Colaboración

MARÍA MONTSERRAT VÁZQUEZ RIVEIRO

Edita:

Xunta de Galicia
Consellería de Cultura, Educación e Universidade
Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades

Secretario Xeral de Política Lingüística:

Valentín García Gómez

Coordinador científico:

Manuel González González

Directora Técnica de Literatura:

Mercedes Brea López

Maquetación e impresión:

Grafisant, S.L.

ISBN: 978-84-453-5371-4

Depósito legal: C 1843-2020

AGRADECEMENTOS

A Maria Isabel Morán Cabanas, pola inestimábel axuda e a erudición incesante.

A Maria Virgínia Santos Guerra (filla do fundador da revista e tamén escritora), pola xentileza e o apoio para materializar este proxecto.

A Carlos Quiroga e Anthero Monteiro, pola amabilidade e a información.

ÍNDICE XERAL

I. ESTUDO LIMINAR	9
1. 1. Sobre o seu fundador: vocación e trajetória	11
1. 2. Uma declaración de intencións e um projeto a seguir	14
1. 3. Primeiros pasos e repercusións no meio intelectual.....	16
1. 4. Crónicas de viaxens e encontros	17
1. 5. Revisando/dinamizando o panorama das letras galego-portuguesas	19
1. 6. Revisando/dinamizando o panorama das artes galego-portuguesas	24
1. 7. Comemoracións de efemérides	27
1. 8. Enfim, uma glorificación da lingua e da tradición.....	28
1. 9. Últimos pasos e pegadas de um <i>longo caminho</i>	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
Criterios de edición	35
II. INTRODUCCIÓN	37
2. 1. Ficha técnica de <i>Céltica</i>	39
2. 2. Panorámica histórica. Catálogo das revistas galegas e portuguesas (1951-1961).....	42
2. 2. 1. Galicia	42
a) Publicacións da Galicia interior	43
b) Publicacións da Galicia exterior	53
2. 2. 2. Portugal	62
2. 3. Arredor de <i>Céltica</i> :.....	79
2. 3. 1. Recepción de <i>Céltica</i>	79
2. 3. 2. O proxecto do Círculo de Estudos Galaico-Portugueses	87
2. 3. 3. Principais colaboradores portugueses de <i>Céltica</i>	88
2. 3. 4. Os colaboradores galegos: prosa e verso	90
III. ÍNDICES	95
3. 1. Textos	97
3. 2. Colaboradores	104

IV. BIBLIOGRAFÍA SOBRE <i>CÉLTICA</i>	113
4. 1. Básica.....	115
4. 2. Complementaria.....	116
V. FONTES HEMEROGRÁFICAS	119
5. 1. Webgrafía.....	121
VI. APÉNDICE	123
6. 1. Cartas	125
VII. <i>CÉLTICA</i>, texto facsimilar	135

ESTUDO LIMINAR

A revista *Céltica*. Caderno de Estudos Galaico-Portugueses, um apelo ao diálogo e mútuo conhecimento

Maria Isabel Morán Cabanas
Universidade de Santiago de Compostela

Dum lado e do outro, então, começaram a surgir intelectuais interessados nessa reaproximação, advogando-a e defendendo-a, procurando-a e preconizando-a em artigos de jornais, em pedaços de prosa e em poemas. Mas os anos foram passando e desses gritos isolados nada resultou senão a preparação, talvez, dum estado de espírito propenso a uma realização que um dia viria a aparecer, que era justo e digno e meritório que um dia aparecesse (...). Sejamos dignos dessa incumbência, aceitemos a herança, trabalhem para que a amizade galaico-portuguesa aumente e frutifique numa atmosfera de perfeita compreensão.

Manuel Oliveira Guerra

Cartas e telegramas chegam (centenas!) vindas da Galiza —de Pura Vasquez, de Leandro Carré, de Celso Emilio Ferreiro, da Real Academia Galega e de tantos outros... Até da Casa da Galiza em Nova Iorque!... (...).

Depois, foi o silêncio, só interrompido por algumas cartas trocadas, nos últimos anos, entre mim e o Manuel Maria e Pura Vasquez. O silêncio que eu venho tentando quebrar. E, ultimamente, algumas vezes se têm juntado à minha voz, de cada um dos lados do rio Minho.

Maria Virgínia Santos Guerra

1. 1. Sobre o seu fundador: vocação e trajetória

“Poeta e contista. Militante das relações culturais luso-galaicas”, diz o verbete alusivo ao nome de Manuel Oliveira Guerra no *Dicionário cronológico de autores portugueses* (1985), coordenado por Eugénio Lisboa. Com efeito, ao interesse desta figura pelo mútuo conhecimento e fluidez de contactos entre a cultura de aquém e além Minho deve-se toda uma série de iniciativas, das quais faz parte a revista *Céltica*, cujos quatro números foram editados entre os anos de 1960 e 1961. Como veremos, tal publicação pretenderá também servir como órgão porta-voz do Círculo de Estudos Galaico-Portugueses que naquela altura estava em vias de formação e aspirava a se converter num agente aglutinador dos valores da Galiza e de Portugal, sendo inicialmente apoiado por intelectuais e artistas de ambas as partes e, ainda de forma bem particular, pela Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto —nascida nos finais do século XIX e com larga tradição como uma das instituições mais dinamizadora da vida cultural da cidade. O objetivo que perseguiu desde sempre o fundador da revista foi consolidar um ambiente espiritual e sentimental de

aproximações e possibilitar o clima mais adequado para um futuro de intercâmbio promissor.

Foi já desde os seus anos de adolescência e juventude que Manuel Oliveira Guerra se sentiu motivado para o estabelecimento desses vínculos devido a uma circunstância pessoal que o marcaria durante toda a sua vida. Nascido em 1905 na cidade de Oliveira de Azeméis, localizada ao Norte de Portugal, na sub-região Entre Douro e Vouga, ali frequentou a Escola do Conde de Ferreira. Ora, aos onze anos viu-se atingido pelo mal de Pott, tuberculose óssea na coluna vertebral, cujo tratamento o obrigou a passar uma longa estadia de nove anos no Sanatório Marítimo do Norte, situado em Francelos. Durante tal período conheceu uma menina galega chamada cordialmente Luzita, que também estava ingressada e com a qual gostava de conversar. A semelhança linguística impressionou-o e a sua curiosidade foi aumentando cada vez mais. De facto, chegou mesmo a conhecer e folhear com entusiasmo jornais da Galiza que a família da rapariga cortesmente lhe enviava, tal como ele próprio explicou em várias ocasiões:

Un día, há muitos anos (em 12 de Junho de 1923) entrou no Sanatório Marítimo do Norte uma criança vinda da Galiza, que se chamava Maria de la Luce Álvarez Rodríguez e que tratavam familiarmente por Lucita. Gostava-se dela, do seu ar tristonho de doente, e eu e o António Correia da Silva, com a nossa extremada mania de observar tudo e de transformar tudo em motivo de estudo, entretínhamo-nos por vezes a fazê-la falar (e palavra como um papagaio) a fim de lhe apanharmos termos galegos que, por nós postos em confronto com o português arcaico e moderno, nos davam com a sua textura verbal, a sua fonia, o seu sabor dialéctico e o seu poder de expressibilidade, à medida das semelhanças, digamos, das igualdades linguísticas (léxicas, morfológicas e sintácticas) entre o galego e o português —semelhanças ou igualdades que subsistiram particularmente até à altura em que ao lado de cá se acentuou o desenvolvimento, o desembaraço progressivo, a evolução da nossa língua, enquanto que, para além Minho, a língua dos nossos irmãos ficava preza à mordaza histórica, à quietude ou paralisia formal, oprimida pelo predomínio político de Castela e do castelhano (...).

A nossa amizade à Lucita carregou-nos a estima compreensiva e grata da família, que de quando em quando transpunha a fronteira para a visitar em Francelos, e o pai, D. Jacob Álvarez Varela, homem de boas relações com o meio intelectual galego, quiz dar-nos a demonstração dos seus sentimentos afectivos, enviando diariamente *El Pueblo Gallego*, e, mais ainda, trazendo para *O Girassol*, a preciosa colaboração de Amador Montenegro Saavedra, conto escrito expressamente para esse fim e em galego, denominado “Natilhas sin prato” (1955: 1).

Graças a uma professora que se deslocava ao sanatório para dar aulas aos doentes mais jovens, Manuel Oliveira Guerra conseguiu fazer os exames escolares e finalizar o segundo ano no Liceu de Aveiro, única habilitação académica oficial. Com vinte anos saiu da clínica e começou logo a trabalhar na direção da empresa do pai, um industrial do vidro que até chegou a ser proprietário de um conjunto de sete fábricas. Certas desavenças familiares fizeram com que o seu filho Manuel fosse deserdado e apenas ficasse com um armazém como fonte de recursos económicos. Na verdade, o interesse pela leitura e a escrita despertaram-se nele desde bem cedo e manifestaram-se sob várias modalidades. Lembre-se que, na qualidade de criador literário, cultivou o conto e a poesia: já durante o período hospitalar publicou alguns escritos da sua autoria em jornais como *O Girassol*, que ele próprio fundou e do qual dirigiu alguns

números¹, ou *O Correio de Azeméis*, criado pelo jornalista Bento Landureza na cidade que lhe dá nome, servindo, desde o início, como uma verdadeira tribuna de defesa das convicções republicanas —de facto, até ficaram bem célebres algumas campanhas que acolheu entre as suas colunas.



Capa de *Ave Maria*
(Porto, 1922)

¹ Trata-se de uma pequena publicação periódica ligada a pacientes e trabalhadores do Sanatório Marítimo do Norte e, mais tarde, também da Clínica Heliântia, ambas as instituições relacionadas com o trabalho do médico. Ferreira Alves no âmbito do tratamento da tuberculose óssea por meio da helioterapia (daí o seu nome): “A cura ao sol é descrita pelos doentes como um momento de preguiça, não deixando de ser doloroso e penoso. A exposição solar revela-se eficaz na mutação dos corpos enfermos, por isso uma etapa necessária à cura. Na varanda, é companhia privilegiada o livro e os jornais diários. As crianças faziam os deveres escolares marcados pelos seus professores” (AMARAL, 2007: 113). O *Girassol*, que empreenderá uma longa história repartida em várias séries, para além de nos informar com pormenor sobre o quotidiano desses dois centros hospitalares, dos avanços e dos tempos que iam correndo, abriu as suas páginas a colaborações exteriores de autores como o poeta e pensador Teixeira de Pascoaes ou às primeiras experiências poéticas de Eugénio de Andrade ou Pedro Homem de Melo, devido sobretudo à sensibilidade e aos contactos de Oliveira Guerra. Concretamente do espólio do seu fundador fazem parte uma coleção de números do jornal e um conjunto de documentos e relatórios sobre a sua organização: originais, provas tipográficas e correspondência com os órgãos da censura, entre bastantes outros materiais que se podem consultar na Escola Secundária Dr. Fernandes Alves, a quem foi doado.

Foi em 1932 quando saiu do prelo o seu primeiro livro de versos sob o título *Padre Nosso*, o qual apareceu apresentada por um prefácio de Ramada Curto e originou quase de forma imediata uma grande polémica na imprensa, sobretudo entre o citado *Correio de Azeméis* e a *Opinião*, aviventada sobretudo pelo seu forte carácter anticlerical. Tal situação provocou que essa primeira edição se esgotasse ao pouco tempo, apenas em 15 dias. A voz das musas que ali se descobre é de teor satírico e aparece marcada por um tom rebelde, contestatário e contundente, próximo ao do seu conterrâneo Guerra Junqueiro, ou ao do galego Curros Enríquez. Mais ainda: a sua segunda obra, *Ave Maria*, em que predominava a mesma atitude de protesta e denúncia, estava preparada para ser lançada alguns meses depois, mas teve de esperar até ao ano 1960 pelas pressões que o clero exerceu sobre o pai do autor. Com efeito, a sátira ao âmbito eclesiástico e à falsa devoção constituem o eixo principal do livro, sendo fundamentalmente caracterizado o labor dos sacerdotes e dos seus ajudantes nas celebrações religiosas por uma cobiça sem limites nem pudores (MONTEIRO, 2006). Assim, por exemplo, a personagem do Padre pergunta à mãe de um moribundo quantas missas poderá pagar para redimir os seus pecados (tanto mais dinheiro, mais perdão!) e o sacristão, sempre que puder, mete a mão na caixa das esmolas dos fregueses. Tudo se encaminha para uma via de reivindicação social, denunciando-se os novos tempos de tirania da máquina ao serviço dos senhores, onde o velho carpinteiro José, pai de Jesus Cristo, teria mesmo de vender a serra, a túnica e até a jumenta para poder sobreviver.

Posteriormente sai do prelo o volume de contos *Caminho Longo* (1962), que será completado alguns anos mais tarde com outros textos onde o autor irá deixando diversas impressões de viagem, assim como *Algemas*, uma obra de cariz mais intimista. E, apenas um ano mais tarde, aparece *Coisas desta Negra Vida*, em que certa veia biografista se mistura com o discurso cívico: “Poetas, falai da terra / e do povo triste e pobre”, exclama a modo de incitação. Aliás, em diferentes ocasiões, tem declarado na imprensa (inclusive na revista *Céltica*) que estavam já preparados para publicar os seguintes livros: *Passos Incertos; Terreiro da Sé; Caminho de Amor*; o segundo tomo de *Caminho Longo; Maruxa; Grilheta*; ou *Terra Nai*, cuja temática se liga à etnografia galega. Ora, o intelectual morre em 5 de junho de 1964, sem ver concretizada a edição de nenhum deles. Postumamente foram organizadas pela sua filha, Maria Virgínia Santos Teles Guerra Monteiro, duas coleções de textos: *Esta Cidade que eu amo* (1998), dedicada à cidade do Porto, e *Escritos — Dois contos e alguns poemas* (2002), com alguma composição inédita que já tinha sido anunciada em vida do autor e tinha ficado à espera... E, enfim, em 2007 foi apresentado o livro *Caminho Longo. Antologia de sonetos* de Manuel Oliveira Guerra, acompanhado de um prefácio de Salvato Trigo e um posfácio do crítico luso-checo Jorge Listopad (TORRES REGUEIRO, 2007).

1. 2. Uma declaração de intenções e um projeto a seguir

No que diz respeito aos quatro números da revista *Céltica*, o seu diretor optou por apresentá-los sem datar e sem numerar, sendo apenas diferenciados pela cor da cada uma das suas respetivas capas: bege e amarela para o primeiro; verde para o segundo; azul para o terceiro; e rosa para o quarto. Todos estes cadernos —como se denominam no subtítulo— foram impressos na Escola Tipográfica da Oficina de São José do Porto e aparecem paginados de forma sucessiva (até à página 336). Para a sua preparação gráfica contou-se com a colaboração de António Leite, para além doutras intervenções de artistas (“amigos da Galiza e de Portugal”) que ilustram o seu interior e as folhas soltas que se

inserem em cada volume com textos poéticos e desenhos. As peças relativas ao âmbito da criação correspondente a diversos géneros literários (poemas; contos e trechos de novelas; e breves peças teatrais) ou os estudos de uma extensão limitada sobre os mais variados aspetos da cultura e da atualidade galego-portuguesa compartilham espaço, ao longo de toda a revista, com as artes plásticas através da reprodução de desenhos de estilos e inspirações temáticas diversas —e acrescenta-se, ainda, a presença da música. Neste sentido, chama a atenção o caráter tão interdisciplinar da *Céltica*, assim como o contraste entre a vida tão efémera que teve e a grande quantidade de escritores e artistas que nela participaram.



Manuel Oliveira Guerra
(Oliveira de Azeméis, 1905-Porto, 1964)

Ao longo dos quatro cadernos, Manuel Oliveira Guerra, fundador e único diretor, tenta manter uma estrutura regular, mas vai inserindo algumas alterações que respondem sempre a uma intenção de enfatizar esse apelo seu para a fraternidade entre a Galiza e o Norte de Portugal. A cada passo se torna mais explícita a convocatória de intelectuais para empreender um caminho de união e intercâmbio fluido. Desde o primeiro até ao último número insiste no seu empenho de recuperar uma “mãe e irmã Galiza”. Nos preâmbulos intitulados significativamente “Ao que venho” evoca, de facto, a separação em termos históricos que sofreram os dois povos. Remete-nos para os tempos em que o rei Afonso VI de Leão casou as suas filhas com dois membros da família dos duques de Borgonha: D. Urraca desposou-se com D. Raimundo, entregando a este casal o governo da Galiza; enquanto D. Teresa uniu-se a D. Henrique, sendo-lhes confiado o Condado

Portugalense (nº 1, 3-4)². É precisamente a partir daí que o autor lança mão da parábola do filho pródigo ou da metáfora do jovem que abandona “ainda imberbe, mas em sonho alto e crepitante” a casa materna, afastando-se durante uns longos anos até que os desejos de um reencontro sentimental e de boa afeição familiar se despertaram nele. Perante essa situação, Oliveira Guerra reivindica de forma urgente o final de uma atitude de costas votadas entre a Galiza e Portugal, a qual deseja ver substituída por uma natural “troca de valores e de Beleza”.

1. 3. Primeiros passos e repercussões no meio intelectual

Tais apresentações e apelos para o restabelecimento de uns laços cordiais feitos pelo diretor da revista complementam-se nas páginas iniciais de cada número. Assim, no volume inaugural da revista deparamos com o texto “O primeiro passo” (nº 1, 5-6), composto por um dos irmãos Carré Alvarelos, Lois, em apoio a essa iniciativa da criação da *Céltica*, comparando-a com outras aproximações galego-portuguesas através de dedicações de livros; nomeação de académicos correspondentes em Portugal da Real Academia Galega; participações em congressos históricos e etnográficos; etc. No segundo reproduz-se literalmente a carta que o romancista João da Silva Correia tinha enviado ao próprio Manuel Oliveira Guerra em que agradece a receção da revista e elogia o seu nível cultural, artístico e emocional (nº 2, 55-57). E já nos outros dois as secções iniciais levam como epígrafe “Movimento em marcha” (os anteriores números pretendiam ser, portanto, uma preparação do terreno), dedicando-se tanto a mostrar a proposta firme de um estatuto para a criação do Círculo de Estudos Galaico-Portugueses, que viria ter a sua sede no Porto (Rua Pinto Bessa, 603-1º), como a transcrever diversos depoimentos em que alguns intelectuais galegos e portugueses manifestam as suas congratulações por essa empresa em prol da fraternidade (nº 3, 150-154).

Anunciam-se na revista as ações que pretende desenvolver o Círculo (eis sempre presente a ideia de união!): visitas mútuas de observação e estudo; festivais folclóricos; realizações de espetáculos teatrais, musicais, cinematográficos e televisivos; conferências e congressos sobre os mais variados campos da arte; exposições bibliográficas, de artes plásticas e de artesanato; reedições de livros esgotados e publicações de livros inéditos; permutas de noticiários e colaborações literárias; e a fundação de um Boletim que servisse como porta-voz da propaganda dos valores e de todas atividades realizadas e como veículo para propor outras, sempre marcadas pelo princípio de colaboração entre galegos e portugueses. Estabelece-se como principal espaço de difusão o Ocidente peninsular, entre Fisterra e o rio Douro (o Ocidente Sensitivo, como já designaram a esta faixa geográfica), mas manifesta-se a intenção de uma abertura completa para a comunicação interibérica. Com efeito, registam-se ali até vinte e seis artigos classificados em vários capítulos: “Denominação de objetivos e meios”; “Dos sócios”; “Dos órgãos

² A fim de tornar mais esclarecedor o nosso discurso e mais cómoda a consulta de qualquer texto reproduzido na *Céltica*, citaremos os trechos dali extraídos por ordem de aparição nos volumes (1, 2, 3 e 4), assim como pelas suas respetivas páginas. Cabe lembrar que os índices de todos os cadernos se registam sempre no reverso das capas e sem indicação numérica que remeta para cada uma das colaborações, pelo que, mais do que qualquer outra coisa, constituem relações sequenciais dos conteúdos tratados. A capa não passava pelo filtro da censura? Ou tal ausência vem motivada por circunstâncias ligadas apenas ao processo de impressão? (QUIROGA, 2006: 247-248).

directivos”; Do conselho fiscal”; “Da assembleia geral”; “Do fundo social”; e, por fim, uma “Disposição Transitória” com o propósito de realizar as diligências necessárias para a aprovação oficial e promover a primeira reunião.

Quanto aos pareceres de diversas personalidades em relação à *Céltica*, à constituição do Círculo de Estudos Galaico-Portugueses e a todo o labor desempenhado em prol das relações entre os de aquém e além Minho, Manuel Oliveira Guerra recolhe dois tipos de críticas. Em primeiro lugar, algumas tiradas das cartas que tinha recebido, como a do embaixador de Espanha em Portugal; a de Juan Naya Pérez, da Real Academia Galega; a do poeta galego, José Díaz Jácome; ou a do escritor português António Norton. E, a seguir, menciona outras extraídas de jornais publicados em qualquer dos dois lados da fronteira, que, junto com certos programas de rádio, deram notícia deste projeto de fraternidade com desusada extensão e, inclusive, com a inserção de entrevistas ao seu promotor. Entre estes últimos, deparamos com *Ecos de Espanha*, *Faro de Vigo* e *El Ideal Gallego*, nos quais tiveram um especial eco as palavras de Manuel Oliveira Guerra. Com efeito, foram muitos os intelectuais galegos que escreveram artigos na imprensa defendendo tal empreendimento e declarando o seu apoio. Cabe citar, por exemplo, os elogios que lhe dedica Abuín de Tembra em *La Noche*:

Se ha fundado en Oporto una nueva revista galaico-portuguesa. Por si no fuera bastante *4 Ventos*, que ve la luz en Braga, Oporto va a ser la sede de esta espontánea floración literaria, en torno al monumento erguido a Rosalía, en la plaza de Galicia, envuelta en brumas y sauces. El alma del movimiento pro Galicia, que no hace mucho se ha iniciado en Oporto, es Oliveira Guerra. Lo conocemos personalmente y conocemos también muchas de sus andanzas, idas y venidas, por nuestro país. Oliveira Guerra, espíritu inquieto, febril y soñador, ha hecho de su vida una elevada misión poética: la de agrupar ninfas y musas, trovadores y juglares en torno al Miño, por los lados de Caminha, Valença y Monção. No conocíamos las cualidades de Oliveira Guerra como gran poeta. Ahora, nos llega a manos una revista, *Jornal Feminino* y en ella aparecen, tal vez, los mejores versos que, sobre temática gallega, se hayan escrito en los últimos años. Titula él sus versos, “Mensagens para a Galiza”. Son tres los poemitas, por este orden: “Galicia”, “Senhora do Padrón” y “A luz das Rías Baixas”. Oliveira Guerra nos parece un Macías, que rompe lanzas por su amada en fiera lucha, o un Don Quijote que vive y alienta por su Dulcinea. Galicia es, para Oliveira Guerra, dama pobre y campesina, aunque la hidalguía la lleva dentro del espíritu (*apud* DELGADO CORRAL, 2004: 495).

1. 4. Crónicas de viagens e encontros

Como vemos, Manuel Oliveira Guerra denuncia constantemente o esquecimento mútuo entre a Galiza e Portugal, reclamando com urgência um labor de compreensão e intercâmbio. Uma boa amostra de tal interesse são as crónicas de viagens que, por exemplo, Maria Vitória Armesto e ele próprio nos deixaram: aquela, desde Bonn, lembra com entusiasmo a sua primeira visita física e intelectual a Portugal num texto que será reproduzido pouco depois em *La Voz de Galicia*³, enquanto este revela as suas impressões

³ Trata-se precisamente do primeiro texto publicado em galego pela autora, precedido de uma breve nota em que o jornal se congratula com a criação de *Céltica*, que publicita como “recientemente surgida en Oporto y cuyo fin es el acercamiento entre nuestros dos pueblos, fomentando este interés y acercamiento los intelectuales de una y otra riberas del Miño” (16

ao passear pelas terras galegas numa extensa carta dirigida a José Díaz Castroverde, que qualifica como “irmão de raça”, “compatriota de além Minho” e “amigo de todos os tempos, antigo, presente e futuro”, entre outras denominações. Eis algumas das suas observações da paisagem natural e humana que encontrou na Galiza:

“Mais uma vez deixei essa vossa e nossa querida terra da Galiza para nos passarmos a esta vossa e nossa terra de Portugal. Mais uma vez transpuz a fronteira política e oficial que pretende separar-nos ou que nos separa apenas política e oficialmente, para termos a mor e melhor consciência de que ela, essa fronteira, não nos separa quase nada afinal. Mais uma vez... (...)

... Mais uma vez rolei pelas vossas maravilhosas estradas coleantes, sentindo, vendo e ouvindo latejar à minha volta a vossa Natureza verde, húmida, túrgida, raivosa, hubérrima, plétórica de encanto e de fartura (...).

... Mais uma vez eu me detive, emocionado, diante dos vossos monumentos multicentenários, civis, militares e religiosos, tão cheios de história, de lenda, de tradição e de poesia (...)” (nº 1, 16-17).

Foram frequentes as visitas de Oliveira Guerra a Ourense, em companhia de Pura Vázquez, que lhe apresentou ali Antón Tovar; a Pontevedra, onde aproveitou para conversar com Filgueira Valverde e ver o Museu que dirigia; a Vigo, com Celso Emilio Ferreiro, Álvarez Blázquez e alguns membros da Comissão da Imprensa de Vigo; à Corunha, onde precisamente participou com a comunicação “A minha mensagem” na Segunda Assembleia Galega, em Agosto de 1961; a Santiago de Compostela, cidade na qual ficou impressionado pela Catedral e o seu entorno de pedra, que lhe inspirou vários textos em prosa e verso, e onde se encontrou com Isidro Conde, Carlos Eduardo de Soveral (diretor do Instituto de Estudos Portugueses na Galiza⁴) e outros intelectuais com que compartia interesses. Para além destes núcleos urbanos maiores, temos constância das suas viagens a outras diversas cidades e vilas galegas. Entre elas, Guitiriz, onde fazia “cura de águas” e onde nasceu o convívio com José Díaz Castroverde; Caldas de Reis, lugar a que foi convidado pelo pintor Pesqueira Salgado para visitar o seu *atelier*; e, muito particularmente, diversas localidades ligadas de forma bem íntima a Rosalia de Castro, como Padrón ou Lestrove⁵. Sobretudo

de março de 1960). Posteriormente, em “Meditacios a beira do rio Rin” (*sic*), evoca em tons líricos a história comum da Galiza e Portugal a partir das suas relações e dos seus passeios perto da Embaixada de Portugal na Alemanha (nº 3, 223-224).

⁴ Leitor de português nas universidades de Salamanca, Barcelona e Santiago de Compostela, foi nesta última onde dirigiu o mencionado centro. E, entre outros cargos que desempenhará mais tarde, lembre-se que exerceu como Subsecretário de Estado da Educação Nacional (1961-1962) e foi professor-fundador da nova Faculdade de Letras da Universidade do Porto, dedicando-se sobretudo aos âmbitos da história da cultura clássica e da historiologia, quer dizer, da fundamentação filosófica da historiografia.

⁵ Uma antiga máquina de escrever Remington acompanhava-o sempre nas suas viagens, permitindo-lhe recolher as impressões mais imediatas, vivas e diretas. Vale a pena reproduzir, com efeito, alguns trechos de um velho escrito datilografado em que comenta aspetos e aventuras da sua primeira deslocação às terras galegas e confessa as intensas emoções e os desejos que experimentou ao atravessar a ponte de ferro situada sobre o rio Minho: “E ao vêr-me do lado de lá e voltando, com ufania e infantil ar de triunfo, os olhos brilhantes de entusiasmo para as leiras verdejantes e para as negrejantes muralhas de Valença, eu provuei fixar bem tôdas as impressões que ia experimentar e guarda-las no espírito e no coração, sem perda de menor elemento” –agradecemos à filha do autor, Maria Virgínia Santos Teles Guerra Monteiro, que com tanto empenho reivindicou o reconhecimento do labor do seu pai, a doação das folhas soltas que

através dos famosos “Anacos” que o multifacetado jornalista Raimundo Garcia, BOROBÓ, publicava em *La Noche*, dispomos também de informações sobre as idas a Santiago de Compostela de vários colaboradores portugueses de Oliveira Guerra: os artistas plásticos, Barata Feyo e Carlos Carneiro, entre eles.

Aliás, a casa do fundador da *Céltica* converteu-se reciprocamente num ponto de encontro, numa modesta embaixada galega, em que se receberam as visitas de Pura Vázquez, Pura Lugrís Freire, Manuel Maria, Anric Massó e muitos outros. No dia 4 de março de 1961, de facto, teve lugar nessa morada do Porto a reunião em que foi eleita a Comissão Gestora do Círculo de Estudos Galaico-Portugueses, da qual se reproduz uma fotografia na revista. Perante qualquer impossibilidade de comparecer a esse encontro, o convocante pediu através de correspondência epistolar que delegassem nele a encomenda de votar no seu nome, agradecendo-lhes o envio de qualquer consideração que julguem pertinente para ser tratado no debate sobre as disposições estatutárias. As respostas foram variadas, por exemplo: José Maria Álvarez Blázquez manifestou que concordava perfeitamente com tudo, enquanto o português Manuel de Boaventura, desconfiando da difusão do Boletim na Galiza, propunha criar uma revista com a mesma missão que a *Céltica* nalguma cidade galega. Por outro lado, Manuel V. Peña, mandou umas “Acotaciones al reglamento”, em que reivindica a necessidade dalgum distintivo ou insígnia e a presença de representantes das quatro províncias galegas, talvez como vocais da direção que se deveriam deslocar às reuniões marcadas no Porto e em Santiago de Compostela, como pontos neutrais.

1. 5. Revisando/dinamizando o panorama das letras galego-portuguesas

Em termos literários, Manuel Oliveira Guerra declara que apenas uma minoria do Sul do Minho conhece os nomes de Rosalia de Castro (“a santa Rosalia!”, exclama); Eduardo Pondal e Curros Enríquez; e do lado de lá, um grupo não menos restrito faz alguma ideia quanto às figuras de Luís de Camões, Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco ou o saudosista Teixeira de Pascoaes. Eis um panorama que o diretor da *Céltica* pretende mudar com disponibilidade e esperança: “Aqui estou eu e a todos que queiram ajudar-me, muito e muito obrigado” (nº 1, 4). As relações galego-portuguesas tornam-se o *leit-motiv* de toda a publicação ora lembrando diversos períodos da história ora trazendo à colação o presente mais imediato. Em repetidas ocasiões revisa-se ali o percurso da literatura galega desde as suas origens nos Cancioneiros medievais, passando pelos chamados Séculos Obscuros; pelos inícios e florescimento do Ressurgimento; e por uma progressiva recuperação do uso da língua em campos artísticos de que se tinha visto afastada. Aliás, lembram-se nomeadamente a tomada de consciência nacional por parte da intelectualidade galega e os rumos que seguirá a criação literária do século XX até à própria década de sessenta em todos os géneros.

O conhecimento que o próprio Oliveira Guerra tinha da literatura e da cultura galega é decerto amplo, tal como se revela através da sua participação no inquérito que, por iniciativa de Ánxel Fole e sob o título de *Parlamento de las letras gallegas*, realiza o jornal

contêm o texto em questão (MORÁN CABANAS, 2002). Aliás, torna-se especialmente ilustrativo do seu labor de intermediação galego-portuguesa o elenco de cartas manuscritas e escritas à máquina que mandou e recebeu de figuras da cultura coetânea, assim como de fotografias dos seus encontros com colaboradores da *Céltica* e doutras iniciativas intelectuais levadas a cabo em diversas cidades, algumas das quais vieram à luz já há alguns anos (2006: 241-248).

El Progreso em março de 1961 a diversos intelectuais. Ao lado de Ramón Piñeiro, Álvaro Cunqueiro, Otero Pedrayo, Fernández del Riego, Novoneyra, Bouza Brei, Carvalho Calero, Correa Calderón, Álvarez Blázquez, Carlos Rivero, Vicente Risco e outros dezasseis nomes, aparece o mentor da *Céltica*, que se apresenta nos seguintes termos:

Oliveira Guerra, destacado escritor y periodista portugués, ha publicado numerosos trabajos de crítica literaria. A los 18 años fundó el periódico “O Girassol” en el cual daba a conocer su afecto por Galicia que parece ser la constante de su vida. Viajero incansable recorrió en diversas ocasiones nuestra región que proyecto después en su Portugal nativo en múltiples conferencias y artículos. Fundó en Oporto, donde reside, el Grupo de Estudios Galaico-Portugueses, que realiza una gran labor de acercamiento cultural y artístico entre nuestros dos pueblos. Actualmente dirige la magnífica revista “Céltica” en la que se recogen trabajos de etnografía, arte, literatura, historia, arqueología y folklore gallego-luso (*apud* AMADO SILVA, ed, 1995: 142).

Embora as perguntas lhe sejam formuladas a ele e a todos em castelhano, Manuel Oliveira Guerra utiliza a língua portuguesa para as suas respostas, avaliando o fenómeno criador da literatura galega como “o caso mais fascinante da Literatura Universal” e reconhecendo a sua fascinação pela lírica medieval, pela projeção histórica que teve e o deslumbramento que produziu a sua descoberta, assim como pelo século XIX, sem deixar de citar a obra dos seus coetâneos. Destaca algumas antologias de relevo pelo seu poder analítico e esclarecedor e reclama a necessidade de trabalhos de investigação, prospeção e avaliação. Insiste na importância da elaboração de estudos, assim como na conveniência de fazer traduções doutras línguas para a formação/consolidação literária do idioma e na riqueza que resultará do fortalecimento dos nexos galego-portugueses:

A EDIÇÃO DAS “CANTIGAS DE MALDIZER” que Rodrigues Lapa está organizando por incumbencia da benquerita Galaxia e a “Historia da Literatura Galega”, de Carballo Calero, obras estas que pola sua amplitude cíclica, a primeira, e generalizada, a segunda, devem sobrepor-se a todo (...). Lembrarei também que em Setembro fui encontrar Carballo Calero na Real Academia procedendo a buscas de poesias de Pondal não conhecidas afim de ser feita uma edição contendo esses trabalhos do grande Poeta e eu considero, entre outros, essa edição de grande interesse. Como não posso acompanhar de perto toda a actividade literária da Galiza, não sei como está esse empreendimento de Carballo Calero... (...)
SEM DÚVIDA QUE É IMPORTANTÍSSIMA a tradução de Obras primordiais doutras línguas. Há que abrir as janelas e arejas a casa com uma vaga fresca de universalidade, muito embora não se deseje nem pretenda perder a feição peculiar, a personalidade, no contacto com os outros... (...)
HÁ UM TRABALHO MUITO VASTO A REALISAR, à margem da produção literária e de estudo: (...) no âmbito tão vasto das Literaturas Hispánicas será considerável o ramo Galaico-Português que tendo formado um todo nos primórdios na época medieval poderá voltar a uma espécie de unidade nunca tão íntima como noutros tempos, mas sem dúvida meritória na essência e nos resultados positivos, visto que além duma ligação fraterna e dum alargamento espiritual, alargará implicitamente o mercado livreiro para uns e para os outros, mas sobretudo para os galegos... (*apud* AMADO SILVA, 1995: 144).

Na verdade, as colaborações de ou sobre autores galegos são predominantes na *Céltica*, diversificam-se em vários campos e não se reduzem, em geral, a uma única ocasião. Assim, Hugo Rocha, uma das figuras mais ativas e implicadas neste intercâmbio

cultural, ocupou-se na secção Estudos da obra de autores canonizados na literatura galega como Noriega Varela, Eduardo Pondal, Ramón Cabanillas e Francisco Añón. Para além de exercer como chefe da redação do *Comércio do Porto*, este colaborador da *Céltica* recebeu o Prémio Nacional de Jornalismo, foi um assíduo colaborador doutras revistas literárias e de atualidade e estreitou laços de amizade com algumas individualidades galegas de maior prestígio, exercendo mesmo como membro correspondente da Real Academia Galega e participando nalgumas das suas sessões plenárias (nº 3, 160). Os seus livros *Itinerário na Galiza*, *Encontros com a Galiza* ou *Sete vozes perenes na Galiza lírica* informam-nos bem do seu interesse pela terra de aquém Minho e, de forma particular, do intenso culto que prestou a Rosalia de Castro como cantora da Terra-Mãe e a Eduardo Pondal como “bardo” do celtismo.

Igualmente, Leandro Carré Alvarellos traça e comenta o percurso da narrativa e do teatro produzidos na Galiza, tendo como limite *ad quem* o ano de 1959 (coincidentes com a publicação de *A Esmorga*, de Eduardo Blanco Amor, e *O incerto senhor Don Hamlet*, de Álvaro Cunqueiro, respetivamente). Traça-se, assim, um panorama histórico muito atualizado, pois vai-se comentando a produção literária desde os primórdios até praticamente o ano da publicação da revista, tendo em conta a sua fortuna, influências várias e situação no presente: “Hoxe, inda que se non constituiu a primeira Compañía Dramática Galega (...) a nosa dramática tem adequirido tan asombroso desenvolvemento que cada día van aparecendo mais e mais obras, ata o ponto que chegan cuase ás 200 as que hai escritidas” (nº 3, 166). Por sua vez, o seu irmão Lois intervém na *Céltica* com amostras de apoio firme ao projeto de Manuel Oliveira Guerra e sublinhando, por exemplo, o labor do escritor e médico José López de la Vega, que deixou uma extensa e variada obra e “contou com moitos amigos literatos cos que levaba moi boas relacións, tanto en Lisboa, como no Porto, e noutras cidades do Norte do país” (nº 2, 70)⁶.

Por sua vez, na secção Letras deparamos com impressões de leitura e comentários críticos de diversos livros de actualidade naquela altura. Assim, Mário Diaz Ramos encarrega-se no primeiro número de deixar as suas reflexões sobre *O sono sulgado*, de Celso Emilio Ferreiro e de vários textos em castelhano de Manuel V. Peña e Miguel González Garcés, mas este será substituído nos volumes posteriores pelo próprio fundador da revista devido a um enfrentamento entre ambos os intelectuais que mesmo se tornou público através da imprensa, com numerosas acusações em forma de réplicas e contra-réplicas⁷. Por sua vez, Manuel Oliveira Guerra faz as suas observações a poemários de Aquilino Iglesia Alvariño, Dora Vázquez e Abuín de Tembra, referenciando também muitos

⁶ Esta prolífica figura mereceu um lugar de destaque, com efeito, no trabalho que Otero Pedrayo preparou para o *Primer Congreso Español de Historia de la Medicina* em 1963 sob o título de “Algunos médicos literatos y poetas gallegos en el siglo XIX”. Junto com a sua, as obras de Juan Barcía Caballero, Manuel Leiras Pulpeiro, Eduardo Pondal, Vicente María Feijóo Montenegro, José María Gil Rey, Alfredo Vicenti Rey, Jesús Rodríguez López, Valentín Lamas Carvajal e outras tornaram-se objeto de reflexión e comentário nesse evento.

⁷ Na verdade, já comentamos acima o eco que obteve a iniciativa da revista *Céltica* nas imprensas galega e portuguesa da época, assim como o debate em torno da sua direção e organização. É mesmo fácil encontrar informação relativas a tais aspetos em jornais como *La Noche*, *El Progreso*, *Faro de Vigo*, *La Voz de Galicia*, *Ecos de España*, *O Jornal de Notícias*, *O Jornal Feminino*, *Notícias de Guimarães*, etc. (DELGADO CORRAL, 2004: 491-506).

outros livros quer redigidos em galego quer em castelhano. Até se detém nos estudos sobre a “obra espanhola” de Luís de Camões realizados pelo português Vieira de Lemos e o Júlio Martínez de Almoyna, este último responsável também de um dos dicionários espanhol-português mais consultado (nº 3, 196-198). E cite-se, ainda, a contribuição de Uxío Novoneyra como crítico e resenhista, que foca o percurso biobibliográfico de Maria Mariño Carou, inclusive apresentando alguns textos da poeta que serão publicados com posterioridade em *Palabras no tempo* —submetidos, isso sim, a certas alterações de extensão e disposição dos versos (DÍAZ-CASTROVERDE GÓMEZ, 2006: 527).

A partir de uma nota que Oliveira Guerra escreve sob a epígrafe “Falta de tempo” sabemos que foram muitos os livros galegos e portugueses que tinha recebido no seu endereço como diretor da revista com o propósito de serem ali anunciados e comentados. Ele lamenta-se de não poder prestar atenção a todos, justifica-se e agradece todos os envios (nº 3, 208). Entre os que conseguiram ser objeto de consideração está *Dia a dia*, de Aquilino Iglesia Alvariño, que mandou o seu volume acompanhado de uma carta e uma dedicatória que se reproduz: “A Oliveira Guerra, pastor de sonhos” (nº 4, 311). Como costuma acontecer nas resenhas ou notas biobibliográficas incluídas na *Céltica*, ao lado das reflexões transcreve-se, em modo de ilustração, o poema “Nena Barqueira”. Aliás, em todos os casos, não deixa de se pôr em destaque o contacto pessoal que manteve com os criadores, tal como sucede com a informação fornecida acerca da cordialidade com António Tovar: “Foi bom que na minha passagem por Ourense, para visitar Pura Vázquez, eu tivesse conhecido António Tovar, aquele António Tovar de olhar calmo, tristonho, como que ensimesmado, com um vago, muito vago sorriso às vezes à deriva” (nº 3, 204).

Na verdade, depara-se na *Céltica* com um amplo domínio de escritores e obras galegas sobre a produção literária portuguesa que é submetida a uma reflexão crítica. Tem-se denunciado, de facto, essa breve seleção de autores de Portugal e a sua sujeição a dois critérios: geográficos (tão-só têm presença os ligados ao Norte de Portugal) e etários (ficam sem representação os criadores mais novos), atitude que contrasta com a flexibilidade linguística, incluindo algumas obras redigidas em castelhano, catalão ou até francês⁸. Exemplos de letras lusas que ali participam de forma ativa e/ou passiva são Jorge Listopad, Guedes Amorim, Serafim Ferreira, Costa Barreto, Alice Vieira, António Norton ou o próprio Oliveira Guerra, para citarmos apenas alguns. Aliás, o leitor encontra na revista vários poemas de diversa autoria portuguesa dedicados precisamente à Galiza e à sua cultura, todos colocados numa posição estratégica quer no seio dos seus quatro números quer fora deles (nas folhas soltas que os acompanham). Assim, por exemplo, numa separata de cor amarela recolhe-se o poema dedicado à fraternidade luso-galega

⁸ Concretamente são muito diretas as críticas que se recolhem nas *Notícias de Guimarães*, em que se ataca Oliveira Guerra por ter uma consideração altiva de si próprio como um “entendedor exclusivo” dos assuntos culturais galego-portugueses; por monopolizar a publicação, inserindo umas cinquenta páginas da sua autoria; e, ainda, por ter colaboradores que não representam “a literatura mais válida” de Portugal: “Ter a pretensão –assaz justíssima– de dar ao conhecimento dos galegos a nossa literatura e não lhes levar a presença literária de Régio, Torga, Aquilino, Virgílio Ferreira, Urbano Tavares Rodrigues, Óscar Lópes, António José Saraiva, entre muitíssimos, é, digamos, o aborto do próprio feto que não chega sequer a vingar a sua existência. *Céltica* não tem uma crítica literária à altura, nem estética e filosófica da nossa literatura; não deu até agora uma noção orgânica e vital da autêntica poesia portuguesa, não tem uma unidade temática nem formal definida e, de forma alguma, serve a nossa cultura actual ou pasada” (*apud* DELGADO CORRAL, 2004: 498).

ilustrado com uma xilogravura de Marginet e destinado ao livro *Maruxa*, que Oliveira Guerra projetava publicar. E nas restantes separatas assistimos também a homenagens à Galiza com mais xilogravuras de Marginet —residente no Porto—; com páginas iniciais em que se repete até seis vezes a palavra Galiza ora de modo horizontal ora vertical ora diagonal; e com versos encabeçados com títulos evocadores da tradição lírica comum como, por exemplo, “Ô Galiza e Portugal, viveiro de trovadores”, do português António Norton; ou “Galiza ten un arcanxo”, da galega Pura Vázquez; ou “Galicia i Portugal”, do artista catalão Tomàs Casals Marginet.



Oliveira Guerra visto por J. Collado
(*Comércio do Porto*, 14 de Julho de 1964)

A diferença do português, o panorama galego mostra-se nas páginas da *Céltica* a partir de diversas gerações, medidas de consagração e géneros cultivados: textos de autores já clássicos (Lamas Carvajal, Rosalia de Castro, Eduardo Pondal, Noriega Varela e Ramón Cabanillas), da chamada Geração de 1936 (Aquilino Iglesia Alvariño, Celso Emilio Ferreiro, Pura Vázquez, José Díaz Jácome, Gonzalo Garcés, Álvarez Blázquez, Antón Tovar e Maria Marinho Carou), da designada Geração das Festas Minervais ou Geração de 50 (Manuel Maria, Xohana Torres e Abuín de Tembra); e, ainda, de bastantes outros (a maioria redigidos em galego e alguns em castelhano). Dois dos autores mais representados são Avelino Abuín de Tembra e Manuel Maria. O primeiro aparece sempre, exceto no último número, e a fluidez de relações entre ele e Oliveira Guerra pode seguir-se perfeitamente através das declarações de ambos:

Numa das minhas antigas e frequentes paragens no Padron para respirar a atmosfera de Rosalia e falar um pouco com Camilo Agrasar Vidal, travei conhecimento com Abuín de Tembra e muito longe estava eu então de penar o interesse que o contacto com esse moço viria a ter para mim e para os meus planos. Soube então da sua estadia bastante longa e como professor em Lisboa, mas, como às vezes acontece, esqueci depois o seu nome e quando, dois anos volvidos, Agrasa Vidal me enviou um exemplar de *La Noche* inserindo um extenso artigo falando de mim, de poemas meus e dos meus intentos de aproximação galaico-portuguesa e não consegui descobrir que era o generoso autor do artigo, aquele Abuín de Tembra, e só mais tarde e quase por acaso o lobriguei...

Abuín de Tembra apareceu-me depois no Porto, de repente, corado ou entusiasmado com as minhas ideias e os meus trabalhos que já vinham sendo carteados entre nós, esteve dois dias aqui, conversou bastante, manifestou-me a mais vida disposição de colaborar, de ajudar de todas as maneiras e com os meus melhores esforços à constituição do Círculo de Estudos Galaico-Portugueses, e, por isso, quando em Setembro, de 60 andei percorrendo a Galiza e parei em Santiago, tive Abuín de braços abertos à minha espera (nº 4, 318).

Quanto ao segundo, também ficou registo das amostras de confiança que se professaram: “Este demónio de Monforte de Lemos... (já viram modo tão abusento de tratar um poeta?...) entrou no meu espírito com os seus poemas e, carta acima carta abaixo, ele cá está muito bem instalado na minha admiração e na minha estima e não há volta a dar-lhe, já está assente” (nº 2, 123). Com efeito, Manuel Maria colaborou com diversas composições poéticas da sua autoria e até com a peça *Auto do labrego*, que se transcreve na revista ao longo de dez páginas e tinha sido galardoadada no Primeiro Certame do Minho, nascido com o propósito de incentivar o teatro (nº 4, 320-330). Aliás, diga-se que precisamente esta obra dramática faz parte, junto com outras, de uma série de textos premiados em concursos literários de alcance galego e português convocados por aquela altura e que ali se reproduzem. Neste sentido, deparamos, para além da representação mencionada, com a dos vencedores dos Jogos Florais de Guimarães, António Norton e José Maria Álvarez Blázquez (nº 3, 227); da Menção Honorífica dos Jogos Florais da Galiza, recebido por Enrique Chao Espina (nº 2, 230); ou do Prémio de Poesia Marina, organizado pela Editora Comercial de Ourense e outorgado a Antón Tovar (nº 3, 204).

1. 6. Revisando/dinamizando o panorama das artes galego-portuguesas

Um bom espaço dos quatro números da *Céltica* aparece dedicado às artes plásticas, às quais se lhes reserva mesmo um lugar específico a partir do segundo volume. Artistas galegos e portugueses intervêm com os seus textos sobre diversas manifestações e/ou são apresentados através de estudos críticos das suas obras, ao mesmo tempo que se anunciam e publicitam as suas exposições em diferentes lugares do Noroeste peninsular. Tal como se observa na colaboração dos criadores literários, neste campo também os nomes se repetem em várias ocasiões. Concretamente ocupa uma posição de relevo na revista Salvador Barata Feyo, com residência fixa no Porto, onde exerceu durante décadas como Professor da Escola Superior de Belas Artes e se tornou uma figura emblemática da escultura do seu país e da Galiza, pois a ele se deve o monumento a Rosalia de Castro, inaugurado em 1954, colocado estrategicamente na Praça da Galiza dessa cidade e fotografado pela revista. Os artigos que publica na *Céltica* sob a epígrafe “Considerações sobre a Arte” ligam-se às suas

colaborações como crítico no jornal *O Comércio do Porto*, nos quais ataca o estilo experimental, qualificando-o como “geometrismo mal compreendido” face às estéticas do realismo, do idealismo e da expressão abstrata (nº 1, 8). De cariz mais específico, ainda deparamos com um texto em lembrança a Hirosuke Watanuki, um pintor japonês que passou alguns anos no Porto e em cujas obras se descobrem a alma e a fisionomia das margens do Douro (nº 3, 186-188).

Uma particular atenção se presta às temáticas e técnicas pictóricas desse e doutros artistas que espelham diversas concepções da “nossa realidade”, que gozam já de reconhecido prestígio público e que se revelam como representantes da pintura nacional (e sobretudo, portuense) através do seu magistério, sabendo transmitir e adaptar as estéticas europeias de maior atualidade: Eduardo Luís; António Quadros; Domínguez Álvarez, de ascendência galega; Margarida Tamegão; ou Júlio Resende. Ora, uma presença particularmente destacada (e repetida) ocupa Manuel d’Assumpção, cuja obra se identifica como a precursora da corrente surrealista em Portugal e se tornou de referência incontestável em tal âmbito, sendo comentada, entre outros, pelo multifacetado António Pinheiro Guimarães (nº 3, 186)⁹. E, entre o elenco português da *Céltica*, um lugar de primeira ordem ocupa também Cláudio Carneiro, pintor e assíduo retratista de autores da época, como crítico com a sua “Visão estética” (nº 2, 97-98) e como protagonista de uma exposição em Guimarães analisada por Barata Feyo e tomada como pretexto para solicitar o reconhecimento do seu labor como mestre no “ofício de pintar” (nº 4, 293). Por outro lado, já mencionámos atrás a colaboração de António Leite no arranjo gráfico da revista, pelo que não se pode deixar de registar nestas páginas a sua primeira exposição no Porto e a reivindicação do valor estético da sua obra pictórica (nº 3, 191).

No que diz respeito ao panorama na pintura galega coetânea, a presença é menor tanto nas imagens registadas (fotografias dos quadros) como nas informações e reflexões críticas que se fornecem. Aliás, é o próprio Manuel Oliveira Guerra quem se encarrega sempre de comentar as obras, reparando no segundo e no último número no trabalho como pintor e ceramista do ferrolano José María González Collado¹⁰:

Não é frequente que numa pequena cidade se crie um ambiente artístico, um nome e quase uma “escola”, como aconteceu no Ferrol com a vivência de pintores diversos, entre os quais, com outros, se destacaram Corral, Piñeiro e Sotomayor, a ponto de se falar da “Escola Ferrolana”, e, por isso, quando um dos artistas da nova geração, González Collado, montou em Setembro ou Outubro de 1959 a sua exposição de cerâmica na Sala de la Cultura na Corunha, eu tive ganas de ir por aí abaixo para ver os amigos corunheses, Collado e os seus trabalhos e dos demais expositores. Tendo-me sido impossível essa deslocação, não hesitei, porém, quando Collado desceu quase até às nossas portas e montou a tenda em Vigo (...).

⁹ A obra do artista está especialmente bem representada, de facto, na famosa coleção de arte *Herdeiros do poeta António Pinheiro Guimarães*.

¹⁰ Lembre-se que, com o motivo do Dia Internacional dos Museus, a Galeria Vieira Portuense organizou em Guimarães uma exposição de pintura de José María González Collado no Palácio dos Duques de Bragança sob o título *O traço e a cor* (2009), remetendo assim para a intercessão de desenho e conjugação de cores.

E reserva um lugar do terceiro volume da *Céltica* para o trabalho do pontevedrés Manuel Pesqueira Salgado, outro dos nomes mais representativos da pintura galega contemporânea que penetra sobretudo em cenas e personagens do mundo rural galego com certo dramatismo e rigidez primitivista, apresentando-se essencialmente como o pintor do povo “porque ele não se preocupa senão com o retrato do povo (...) telas que parecem cruéis, mas que são quando muito imagens dum espelho um pouco convexo em que o próprio artista se revê e em que ele viu, com algumas deformações ampliadas e em cores tristonhas, nevoentas, as gentes da sua terra...” (nº 3, 194).

Por outro lado, o leitor da *Céltica* depara também ali com determinadas considerações sobre alguns aspetos da história da arte peninsular. Neste sentido, José Luís Castroverde fala do “ninféo” (lugar consagrado às ninfas) que se conserva no santuário Santa Maria de Bóveda, datado na época tardo romana, pondo de manifesto a singularidade dos elementos ornamentais e rituais deste templo no âmbito de toda a arquitetura ocidental e as múltiplas interpretações que têm sido dadas a propósito da sua finalidade (nº 1, 33-34). Por sua vez, Tomàs Casals Marginet, cujas xilogravuras ilustram tantos textos da publicação portuguesa em questão, revisa o românico catalão pirenaico (nº 2, 81-85); e o historiador Bertino Daciano Guimarães reflete sobre a lição moral que emana dos museus e arquivos nacionais (nº 2, 66-69) —de facto, noutras ocasiões revela o seu particular interesse pelos cancioneiros medievais galego-portugueses e pelas edições dos trovadores ali recolhidos do ponto de vista filológico, histórico e musical (nº 1, 35)¹¹.

Embora em menor medida, a revista lusa até se ocupa da música sob diversas perspetivas já desde seu o número inicial, predominando a sua ligação com a cultura popular. De facto, é principalmente o célebre etnólogo (ou etnomusicólogo) Rebelo Bonito quem se detém numa abordagem do fado, debatendo acerca da sua identificação como “canção nacional” e refletindo sobre as suas origens e todas as suas variantes: o de Lisboa, o de Coimbra e o do Ribatejo, assim como a canção rural fadográfica, filiada à estrutura musical que gerou a fórmula rítmica do fado (nº 1, 21). Faz também ele a resenha ao ensaio *La música popular Gallega*, de Rodrigo A. de Santiago, diretor da Banda e da Orquestra Sinfónica Municipal da Corunha e compositor de uma vasta produção (suites, rapsódias; uma sonata para violino e piano; etc), cuja atividade o levou alguma vez a Portugal, onde teve a gentileza de interpretar a rapsódia “Uma noite em Alfama” (nº 4,

¹¹ Em geral, a tese que está subjacente a estudos como os de Bertino Daciano Guimarães é justamente a do seu coetâneo, o medievalista Mário Martins, defensor da existência de uma constante no Homem, quando este é considerado globalmente, como ser vivo e senhor de sentimentos e de aspirações em larga medida comuns a todos os tempos. Os termos em que o indivíduo dos séculos passados experimentou e desenvolveu uma complexa teia de relações -de ideias, de gostos, de crenças, de volições e de vivências- e os textos que nos legou constituem para os investigadores que defendem tal orientação um objeto prioritário de atenção. Uma conveniente compreensão e tratamento dos temas implica o reconhecimento da funcionalidade interdisciplinar dos agentes da cultura e a adoção da metodologia comparatista, privilegiando nexos e aproximando doutrinas e estruturas, atitude essa que condiz perfeitamente com o espírito da *Céltica*. Para a revisão dessas novas modalidades de tratamento de textos e imagens na historiografia portuguesa seguimos a linha marcada no projeto “A obra de Mário Martins como estudo das interrelações literárias e culturais no contexto ibérico”, sediado na Universidade de Santiago de Compostela e ligado à *Dirección General de Investigación Científica y Tecnológica* [Ref: FFI2008-00824], e no livro de Maria Isabel Morán Cabanas e José Eduardo Franco (2015).

301). E, ainda, elabora um estudo comparativo entre os cantos de Almuadém (religioso voluntário que, do alto das almenaras, chama os muçulmanos à oração) e os alalás da Galiza, em que mesmo nos fornece exemplificações com as correspondentes notas musicais com a intenção de demonstrar que os primeiros exerceram enorme influência sobre a música popular do folclore ibérico, podendo atribuir-se-lhes a origem de vários géneros: “De Portugal, podem citar-se toadilhas de flauta, de amolador, encomendações das almas, etc; e, da Galiza, cantos de arrieiros, Regueifas, Enchoyadas e, sobretudo, Alalás” (nº 2, 86).

1. 7. Comemorações de efemérides

Na breve (mas muito intensa) vida da *Céltica* assiste-se principalmente a duas comemorações em que aparecem implicados e empenhados colaboradores de aquém e além Minho. Uma delas corresponde ao V Centenário do Infante D. Henrique, que nasceu no Porto e faleceu em Sagres a 13 de novembro de 1960. Recebeu o cognome do Navegador pelo impulso que sob o seu patrocínio recebeu a arte de navegar com a criação da Escola de Sagres, dado o seu entusiasmo pela exploração do Atlântico. Após uma escultura talhada por Barata Feyo que se reproduz no número 1, com uma breve nota em que o Infante é erigido mesmo como o Criador do Mundo Moderno, a homenagem propriamente dita abre-se no seguinte volume com uma imagem de D. Henrique que ocupa toda uma página e com um poema de Oliveira Guerra em cujo léxico e espírito se descobrem claras ressonâncias da *Mensagem* que Fernando Pessoa tinha publicado algumas décadas atrás (nº 2, 60). Assim, o Infante converte-se nestes versos num herói que desvenda o Oceano, que engrandece o homem, que sonha ir mais além e que se proclama, enfim, como “construtor do passado, do presente e do futuro”. Por seu turno, o galego José María Castroviejo redige em castelhano um texto que nos remete constantemente ao Luís de Camões dos *Lusíadas* e a outros cantores portugueses do mar numa viagem através do tempo e do espaço até chegar à desembocadura do Tejo e à Torre de Belém, levantada como celebração das descobertas portuguesas (nº 2, 61-64). E, ainda, Manuel Maria dedica ao Infante o poema “O Navegante”, onde novamente se sentem com força os ecos pessoais e, sobretudo, do poema “Ode ao Mar”, da autoria de Miguel Torga e incluído no seu livro *Odes*, de que se extrai um verso como epígrafe (nº 2, 65)¹².

A outra figura a que se lhe rende culto e admiração na *Céltica* é Rosalia de Castro, que se torna um mito em toda a atividade cultural de Oliveira Guerra. Ele escolhe-a como um ser central ou o mais representativo metonimicamente da Galiza na sua essência e cultura, envolvida no mito de Senhora da Saudade e da Tristeza. Na sua qualidade de diretor da revista, recolhe desde o seu nascimento expressões plásticas relativas a esta figura: o tão famoso retrato que obedece à visão de Barata

¹² Entre os eventos acontecidos em vilas e cidades da Galiza e do Norte de Portugal, até se recolhe a notícia da exposição de trabalhos escolares de Pontevedra ligados às comemorações henriquinas que o próprio Manuel Oliveira Guerra e a sua esposa chegaram a visitar, ficando surpreendidos com as representações da Torre de Belém e da Praça do Comércio, de certos episódios da epopeia dos *Lusíadas*, da divisão geográfica e política de Portugal, da rede turística, da gastronomia e os diversos vinhos ou dos fados e outras músicas populares (nº 3, 158-159). No tocante ao lado luso, cabe lembrar as informações sobre a mostra de artes plásticas que, integrada nesse âmbito de celebração e homenagem, organizou em Viseu o pintor António Leite (nº 3, 191).

Feyo, seguido de uma reprodução de um autógrafo da poeta, assim como uma fotografia do monumento inaugurado no Porto em 1954 —precisamente a edilidade portuense quis celebrar nesta ocasião a “intérprete sublime da alma galega”, com a organização de um serão literário na sua honra em que intervieram prestigiosos intelectuais daquele momento (nº 1, 11-12)¹³ Ao longo de toda a publicação, sobressai a sua presença ora com reflexões sobre ela e a sua obra ora com a transcrição dos seus textos, introduzindo-se também uns versos em que se comemora o centenário dos seus esponsais com Manuel Murguia, da autoria de José Díaz Jácome, com certo cariz neotrovadoresco sob o título “E foi namorada!” (nº 3, 235).

1. 8. Enfim, uma glorificação da língua e da tradição

Através de rubricas como “Galiza em Portugal” e “Portugal em Galiza” que apresentam algumas secções quer-se explicitar o propósito de uma firme intersecção em todos os níveis e campos (inclusive na publicitação das mais variadas sociedades, como os Aero Clubes de Porto e Santiago de Compostela, nº 3, 157-158). O da língua é omnipresente, mas cabe pôr em destaque agora algumas intervenções mais específicas neste sentido. Hugo Rocha reivindica com ênfase o nome de Francisco Añón entre os principais a ter em conta na literatura galego do século XIX, qualificando-o como “o poeta galego que mais prezou Portugal e a língua portuguesa” (nº 4, 269) e rememorando sua estadia naquele país, aonde teve de se deslocar pela sua implicação na célebre revolução de 1846 e donde seria expulso alguns anos mais tarde por ter publicado o seu *Himno dos Povos*. Por sua vez Uxío Carré Alvarellos, em modo de encerramento, elogia todo o labor levado a cabo por Oliveira Guerra, assim como revisa as atividades em que já demonstrou o seu empenho todo o clã Carré: o pai, Eugénio, que tinha recebido na sua livraria tantos livros e opúsculos portugueses¹⁴; e os seus irmãos Leandro e Lois —este último analisou na *Céltica* a história do intercâmbio

¹³ Não só na *Céltica*, mas praticamente em toda a obra de Manuel de Oliveira Guerra, lateja de forma intensa a figura de Rosalia de Castro. Como poeta deixa-nos ouvir o eco rosaliano nos cantos a uma Galiza camponesa, com notas amiúde costumistas e folclóricas, mas carregadas de denúncia e indignação perante as injustiças e opressões que teve e tem de suportar. E sente-se também nos seus versos de cariz mais intimista, dominados por uma Saudade entendida sempre como solidão ontológica e integrada na esfera da fatalidade. Por outro lado, ainda nas suas crónicas de viagem pela Galiza não se deixa de pôr de relevo essa veneração pela escritora padronesa. A sua presença tornar-se-á, de facto, um *leit-motiv* na produção literária do português, que constantemente põe de relevo a empatia que lhe despertaram os seus poemas já a partir do primeiro contacto com eles na edição das *Obras Completas* (Madrid: Aguilar), tal como declara num texto inédito que conhecemos graças à sua filha, Maria Virgínia Teles Guerra, no qual confessa que até os guarda como relíquia ou talismã ao lado do seu leito (MORÁN CABANAS, 2002).

¹⁴ Refere-se à livraria que ficou conhecida como a Cova Céltica, na qual se reuniam os galeguistas que acreditavam nas origens celtas da Galiza. Oliveira Guerra sentia-se firmemente descendente deste povo (dos “celtas perdidos na bruma da memória”) na linha doutros pensadores que divulgaram tais ideias em Portugal, como Leonardo Coimbra, Alexandre de Córdova, Pedro de Menezes, António Correia de Oliveira e Alfredo Pedro Guisado, apenas para citar alguns nomes. Cabe lembrar, aliás, que na terra natal do intelectual em foco, Oliveira de Azeméis, tal como em Porto Novo, Carregosa ou Vale do Cambra, sobreviveu até a actualidade a festa dos druidas, relacionada com essa cultura (DELGADO CORRAL, 2004: 5006; QUIROGA, 2006: 248; e TRIGO, 1996-1998: 204).

literário galego-português desde o século XIX até então, mencionando Carolina Michaëlis, José Joaquim Nunes, Eugénio de Castro e tantos outros¹⁵. Aliás, sublinha nomeadamente a visita de Leite de Vasconcelos e o entusiasmo que este demonstrou perante a Galiza (nº 4, 275) com o seu “multímido talento de arqueólogo, etnógrafo, folclorista, filólogo...” e o seu desejo de animar os novos, como diz Manuel Boaventura ao se deter no seu *Vocabulário Minhoto* e comentar o rigor que sempre preside os seus estudos (nº 3, 175).

No registo das sugestões apresentadas perante as tentativas da fundação do Círculo de Estudos Galaico-Portugueses, observamos como Manuel Maria propôs a criação duma comissão de filólogos portugueses e galegos, em que intervenham figuras e corporações linguísticas de reconhecida autoridade em ambas as terras e no Brasil para estudar a possibilidade de unificar a grafia; advogando por implicar também as comunidades de emigrantes galegos, principalmente de Argentina e Cuba (nº 4). Por outro lado, num artigo que Maximino Castiñeiras García intitula “A defesa do idioma galego”, louva as instituições que protegem a língua e reivindica decididamente a sua valorização a partir de afirmações como “A língua é o meirande valor dunha Nación” (nº 4, 279). Ainda, de forma mais concreta, elogia o empenho do Centro Galego de Buenos Aires, a que se ligou por razões biográficas: exerceu como enfermeiro na marinha (a bordo das naus *Ascania* e *Formosa*), tendo a oportunidade de se relacionar com figuras como Luís Seoane ou Rafael Dieste e constituindo um elo informativo entre a Galiza interior e exterior. Por outro lado, devemos destacar a seleção do poema “Falade Galego” de Eduardo Pondal (nº 2, 117) para incluir na *Céltica*, denunciando o esquecimento dos “pátrios acentos” e a sua substituição por outros alheios.

Através de rubricas como “Galiza em Portugal” e “Portugal na Galiza” que apresentam algumas secções quer-se explicitar o propósito de uma firme intersecção em todos os níveis e campos, tornando-se, antes de qualquer outra coisa, uma revista de atualidade, da atualidade mais imediata e viva, desentranhada a cada passo. Com efeito, o mútuo conhecimento sente-se como uma necessidade fundamental e urgente, tratando mesmo de despir a psique dos povos com a colaboração do antropólogo e professor Jorge Dias sobre os elementos fundamentais do homem português, extraída de um ensaio com elaborado em 1950 e recomposto em 1961 (nº 4, 282-288) ou de Ernesto Veiga de Oliveira (nº 2, 73), ambos ligados de forma sucessiva à direção do Centro de Estudos de Antropologia Cultural e do Museu de Etnologia.

1. 9. Últimos passos e pegadas de um *longo caminho...*

Como vimos, a revista *Céltica* configura a sua estrutura de modo mais sólido a partir do segundo número, mas não conseguirá subsistir para além do quarto. O sonho que o seu fundador começou a fazer realidade quebrou-se em 1961 devido a uma série de circunstâncias das quais se lamenta numa carta encabeçada aos “queridos galegos” em 13 de Maio de 1963. Fala-se ali de um grave caso de saúde e a dificuldades de carácter económico, assim como se faz uma promessa (literalmente, “vaga promessa”) de

¹⁵ Na verdade, os irmãos Carré Alvarellos acabaram por se converter em prefaciadores e posfaciadores da coleção *Céltica*, compondo uns relatórios paralelos tematica e discursivamente, inclusive lançando mão das mesmas expressões.

retomar a atividade algum tempo depois. Queixa-se de não ser submetida à aprovação, quer na Galiza quer em Portugal, o projeto de Estatuto do Círculo de Estudos Galaico-Portugueses; do truncamento da correspondência que mantinha há tanto tempo com muitos escritores, pensadores e artistas galegos; de não ter publicado livros cuja redação já tinha sido acabada; e, o que considera ainda pior, de não ter voltado a andar por terras galegas:

(...) A última vez, salvo erro, que transpuz a fronteira foi para trazer de Vigo ao Porto a querida Purinha Vázquez, que depois de alguns dias entre nós levei a Lisboa, para embarcar com destino à Venezuela.

Ora Purinha Vázquez regressa à sua querida terra, saudosa, e eu que estava sem passaporte, renovei-o para ir abraçá-la no momento de desembarque em Vigo e para a levar de seguida ao seio da família, a Orense. E volto, portanto, à Galiza, depois duma tão longa e penosa ausência. E volto não sei com que esperança de que vou poder retomar a minha actividade antiga, restabelecer o meu contacto, levar por diante o meu sonho de tantos anos! voltar a publicar a *CÉLTICA* e dar corpo jurídico e real ao Círculo de Estudos. Purinha nas suas cartas vindas de Caracas, falou-me sempre no desejo de voltar à sua Galiza e de me ajudar na realização da empreitada que eu me impusera e sustentei durante quase dois anos, e eu não sei se devo a esse incentivo a predisposição de voltar a lutar...

Em vésperas de pisar de novo terra galega, eu quiz mandar a todos os meus amigos da Galiza um abraço, duas palavras de amizade e carinho, uma promessa embora um tanto vaga de próxima actividade. Que o regresso de Purinha Vázquez, minha doce irmã espiritual, seja, no próximo dia 26, um recomeço de actividade tendo o objectivo de estreitar mais o conhecimento e a estima entre portugueses do Norte e os Galegos. Que o regresso de Purinha seja na verdade um recomeço feliz e frutuoso (*apud* DELGADO CORRAL, 2004: 505).

A estes problemas pessoais uniram-se as críticas negativas que fez algum membro do Círculo, certas incompreensões e desídiás alheias e um panorama sociopolítico pouco propício para o desenvolvimento e sucesso de qualquer empreendimento cultural. Para além das políticas ditatoriais sob as quais viviam Galiza e Portugal naquele momento, Oliveira Guerra alude nomeadamente à guerrilha militar em Angola. Tal acontecimento viera monopolizar todas as atenções, atravessando fronteiras geográficas e psicológicas: “Milhares de mortos brancos, pretos e mestiços, velhos, novos, mulheres e crianças horrorosamente mutilados juncam os campos e as povoações angolanas. Muitas e muitas famílias portuguesas estão de luto, estamos todos de luto”, declara no último número da *Céltica* (nº 4, 245). Pouco depois de uma viagem que tinha realizado por América, durante o qual recebeu uma homenagem da comunidade galega em Nova Iorque, o precário estado de saúde do nosso empreendedor autodidacta acabou por sofrer graves perturbações e a morte sobreveio-lhe em 5 de junho de 1964, permanecendo os seus restos enterrados no cemitério de Espinho, em jazigo da família. No fim de uma evocação do seu labor bibliográfico, a filha do intelectual tão empenhado na defesa do património galego-português e cantor de uma Galiza à qual declara poeticamente o seu amor como “Senhora e Camponesa / eu beijo a tua mão fidalga e pobre...”, explicava:

É este em resumo, o percurso de alguém cujo caminho foi desviado, não importa se por culpa própria, se pelo destino —o implacável regente deste *Caminho Longo*. Foi também este o título por mim escolhido para a edição comemorativa do centenário do nascimento de Manuel de Oliveira Guerra —numa colectânea

de duzentos e trinta sonetos, muitos deles inéditos, muitos outros recolhidos da restante obra, já publicada. Aí, neste Caminho Longo, também prefaciado pelo Prof. Doutor Salvato Trigo, estará, porventura, reunido o melhor da obra poética do autor (GUERRA e TAVARES, 2009: 598).

Do seu falecimento encontramos informação na imprensa galega e portuguesa da época, com elogios dirigidos à sua pessoa e ao todo o trabalho cultural que ele levou a cabo, destacando-se principalmente a fundação e direção da revista *Céltica*¹⁶: Neste sentido, cabe lembrar as palavras de Álvaro Paradela, que no jornal *La Noche* solicitou a abertura de uma rua ou praça na Galiza como sinal de gratidão e honra ao nome de Manuel Oliveira Guerra: “Creo que a este gran amigo de Galicia debíasele ya en Compostela, Vigo o La Coruña dedicarle, y solemnemente, una Calle o Plaza” (24-6-1964). E, apenas em modo de ilustração, vale também a pena reproduzir as palavras de Pura Vázquez nesse mesmo jornal:

[Queríamos] llorar la pérdida de un gran colaborador, de un gran forjador de proyectos e ideas grandes de un soñador y realizador de cosas. Escritores y periodistas de este y el otro lado del Miño, artistas de Galicia y Portugal, le quisimos y admiramos. Se le debía un homenaje a su labor incansable, a su amistad de adoptivo gallego que tan entrañablemente amaba lo nuestro. Ahora, aunque sea ya tarde para que él pueda sentirlo, deberíamos rendirle ese homenaje de cariño y admiración que le debemos. Un homenaje póstumo en el que todos los que hemos sido sus amigos y colaboradores de grandes proyectos, deberíamos de participar (15-6-1964).

Após vários anos (algumas décadas mesmo!) de um quase completo silenciamento, sobretudo com o motivo do centenário de Manuel Oliveira Guerra em 2005 tem-se chamado a atenção sobre esta figura e a sua obra e, especialmente, sobre a revista *Céltica* como veículo privilegiado do diálogo entre Galiza e Portugal. Assim, nos últimos anos foram publicados alguns estudos sobre ela e tanto bibliotecas como outras instituições públicas e privadas em cidades de aquém e além Minho, abriram-lhe as suas portas para exposições monográficas e colóquios: Porto, Vila Nova da Gaia, Viana do Castelo, Ourense, Lugo ou Betanços¹⁷, entre outros lugares. A sua cidade natal, Oliveira de Azeméis, baptizou uma das suas ruas com o nome de Oliveira Guerra. E, também com informações várias sobre o percurso bibliográfico do seu mentor, deparamos na imprensa escrita ou digital, em páginas *web* ou blogues —neste sentido, cabe citar nomeadamente a entrevista que foi feita à sua filha para o Portal Galego da Língua, onde é amiúde rememorado (PGL, 2006: *online* e ALONSO ESTRAVIZ, 2008: *online*).

¹⁶ E conhecemos, novamente por gentileza da sua filha Maria Virgínia, as numerosas cartas que a sua viúva e as filhas receberam da Galiza com amostras de admiração por Manuel Oliveira Guerra: Dora Vázquez, Alejandro Requejo Domínguez, José Díaz-Castroverde, Ramón Lúgrís, Juan Naya Pérez, Álvaro Paradela ou Manuel María, entre outros muitos, foram alguns dos seus remetentes. Aliás, textos epistolares e fotos muito ilustrativas do seu percurso biográfico incluem-se numa publicação coordenada por A. Fabela Ramon (2002).

¹⁷ Destaca-se o papel da Asociación Cultura Eira Vella de Betanzos no reconhecimento ao intenso labor do diretor da *Céltica*, que designou líricamente essa cidade como “Noiva do Mar”: “Betanzos, noiva do Mar / A quem o mar fugiu / Tira o vestido branco de noivado / Que não serviu / (...) / O nobre Reino perdido / Perdido o Reino do Mar” (TORRES REGUEIRO, 2005a e 2005b).

OLIVEIRA GUERRA, el escritor portugués que tanto quería a Galicia, ha muerto en Oporto

El pasado jueves, víctima de una súbita enfermedad cardíaca, ha muerto el notable escritor portugués don Manuel de Oliveira Guerra, tan querido de los intelectuales y artistas de las varias provincias gallegas por su comprometida acción por nuestra región. Amigo entrañable de Hugo Ronda, fundó, con este, el *Círculo de Estudios Galego-Portugueses*, que regularizaba su actividad periódica. Ha escrito un *Tratado de la Literatura*. Fundó, además, la importante revista "*Céltica*", de la que se han publicado cuatro números repletos de envidiables colaboraciones de poetas, prosadores y dibujantes gallegos. Hablando supe, hacía tiempo su publicación, "*Céltica*" ha a reaparecer en Oporto, según las noticias procedentes de su fundador y director.

Como hombre de letras, además de una vasta colaboración por periódicos y revistas de su patria, Oliveira Guerra ocupó su carrera de periodista, publicando, hace muchos años, un libro de varias tomas "*Padre Nuno*", que preside un verdadero *canon* de la literatura gallega. Entre largos años sin publicar nada en libro y el año pasado, precisamente, volvió a su actividad literaria, publicando, hasta hace menos de dos meses, sucesivamente, una segunda edición, revista, de "*Padre Nuno*", "*Ave María*", novela, "*Canas de la Negra Vía*", poema, "*Caminho Longo*", cuento, primer tomo, y "*Algras*", poema, muy bien recibidos por la crítica y el público.

Tiene lista para publicar los libros "*Travesseiro de Sa*", poemas, "*Terra Nal*", versos de zona gallega, "*Terra Nal*", prosa de zona gallega, "*Caminho de Anse*", poemas, y el segundo tomo de "*Caminho Longo*", (Impresiones de viaje).

Oliveira Guerra también perteneció a la Asociación Galego-Portuguesa de Periodistas, Escritores y Artistas.



O Progresso, 10 de Junho de 1964

Através da *Céltica* ficou-nos registo de muitos encontros, relações epistolares e pareceres em forma de apontamentos pessoais ou à maneira de resenhas de livros. Na verdade, os quatro números publicados constituem um rico manancial de informação sobre múltiplos aspetos e eventos, sejam de maior ou menor alcance —até os pormenores relativos a exposições locais, almoços e festas comemorativas, pregões, reuniões, visitas a casas particulares, falecimentos, etc. Imagens e textos compartilham aí espaço, sempre com a intenção de ilustrar e aproximar, construindo assim um itinerário de Fisterra até ao Douro que o leitor deve percorrer, com breves deslocações a outros lugares. Dezenas de instituições, jornais e nomes de intelectuais coetâneos, colaboradores e contêrtulos implicados no relacionamento galego-português aparecem acima referidos, mas outras muitas dezenas ficaram ainda por citar do “nosso/vosso povo”, como ele costumava dizer. Todos os dados e informações se poderão consultar agora nesta edição com que o Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, sob a coordenação de Luís Alonso Girgado, vem preencher uma lacuna e salvar uma dívida de reconhecimento ao labor deste “galaicomaniaco”, “profeta luso-galaico”, “autêntico bom e generoso”, “apaixonado pelas coisas galegas”, “grande galego” ou “amigo da Galiza por antinomásia”, conforme o denominaram alguns dos seus coetâneos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO ESTRAVIZ, Isaac (2008): “Exposição Oliveira Guerra na Galiza”, in *Portal Galego da Língua*. Acessível em <http://www.agal-gz.org/modules.php?name=News&file=article&sid=4052>, tal como foi obtido em 31 de maio de 2010.
- AMADO SILVAR, M^a Xesús (ed.) (1995): *Ánxel Fole. Parlamento de las Letras Gallegas. 1961*, Sada: Edicións do Castro.
- AMARAL, Anabela Araújo Carvalho de (2007): *Vivências educativas da tuberculose no sanatório marítimo do Norte e clínica Heliântia (1917-1955)*. Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Acessível em http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/id/49353571.html, tal como foi obtido em 3 de agosto de 2010.
- DELGADO CORRAL, Concepción (2004): “Manuel Oliveira Guerra e a revista *Céltica* no caminho da irmandade galego-portuguesa”, in *Anuario Brigantino*, n^o 27, pp. 491-506.
- DÍAZ-CASTROVERDE GÓMEZ, Fernando (2006): “U-la *Atlántida*?: *Céltica*. Caderno de Estudos Galaico-Portugueses (50 anos de oprobio), in *A Trabe de Ouro*, n^o 68 (outubro-dezembro), pp. 521-530.
- GARCIA, Xosé Lois (2011): “Manuel Oliveira Guerra”, in *A Nosa Terra Diario*, 21-02-2011. Acessível em <http://www.anosaterra.org/nova/51054/manuel-oliveira-guerra.html>, tal como foi obtido em 25 de fevereiro de 2011.
- GUERRA, Manuel Oliveira (1955): “De Amador Montenegro Saavedra a Rosalia de Castro”, in *O Girassol*, n^o 10, Ano XXXII (3^a série), outubro, p. 1.
- GUERRA, Maria Virgínia Santos e Vila Boas Tavares (2009): “Manuel Oliveira Guerra e a ‘Terra Nai’”, in *O Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro (1850-2000)*. *Actas do I Congresso Internacional*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, vol. III, pp. 593-606.
- LISBOA, Eugénio (1985): *Dicionário cronológico de autores portugueses*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- LISTOPAD (2007): “Posfácio”, in *Caminho Longo. Antologia de sonetos [de] Manuel Oliveira Guerra*. Porto: Papiro.
- MONTEIRO, Anthero (2006): “Os sonetos anticlericais de Oliveira Guerra (No centenário do seu nascimento)” in ABREU, Luís Machado de (coord.), *Incidências Anticlericais*. Aveiro: Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, pp. 141-164.
- MORÁN CABANAS, Maria Isabel (2002): *Reflexões sobre o escritor português Manuel Oliveira Guerra: a sua admiração e culto por Rosalia de Castro*. Palestra proferida na *Homenagem — Exposição bio-bibliográfica de Manuel Oliveria Guerra* (Biblioteca Pública Municipal do Porto, 16 de julho de 2002) [texto inédito].

- PORTAL GALEGO DA LÍNGUA (2006): “A escritora Virgínia Guerra evoca o relacionamento cultural entre galegos e portugueses nos anos 60” [entrevista a Maria Virgínia Santos Teles Guerra Monteiro], in <http://www.agal-gz.org/modules.php?name=News&file=print&sid=3053>, tal como foi obtida em 1 de junho de 2010.
- QUIROGA, Carlos (2006): “Oliveira Guerra, escritor e intermediário”, in *Agália*, 85-86, pp. 241-248
- _____. (2008): “Oliveira Guerra: revista *Céltica* e alguma poesia satírica”, in Villarino Pardo, Carmen; Torres Feijó, Elías e Rodríguez, José Luís (eds.), *Da Galiza a Timor: a lusofonia em foco. Actas do VIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, I, pp. 159–169.
- RAMÓN, Alexandra Farela (2002): “In memoriam”, in *Escritos. Dois Contos e Alguns Poemas [de Oliveira Guerra]*. Oliveira de Azeméis: A Voz de Azeméis.
- TORRES REGUEIRO, Xesús (2005a): “O centenário esquecido de Oliveira Guerra”, in *A Nosa Terra*, 1185 (de 21 a 27 de Xuño).
- _____. (2005b), “No centenário do seu promotor. Oliveira Guerra e a *Céltica*”, in *A Xanela*, nº 20 (outono), pp. 17–19.
- _____. (2007): “Os sonetos de Oliveira Guerra”, in *A Nosa Terra*, 1286 (de 25 a 31 de outubro).
- TRIGO, Salvato (1996-1998): “Oliveira Guerra: a convicção das raízes célticas”, in *Nós. Revista Internacional da Lusofonia*, nº 51-58, pp. 203-204.
- _____. (2007): “Posfácio”, in *Caminho Longo. Antologia de sonetos [de] Manuel Oliveira Guerra*. Porto: Papiro.
- VAZ, Rodrigues (coord.) (2008): *Os galegos nas letras portuguesas*. Lisboa: Pangeia.

Criterios de edición

a) Utilizamos a letra versal en vez da cursiva para a representación dos pseudónimos coa fin de evitar confusións cos títulos de obra e as reiteracións gráficas ao longo do texto.

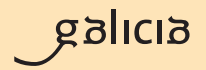
b) Introducimos dous tipos de comiñas altas ou inglesas: “--” para referirnos ás diferentes seccións e / ou citas e “-” para os títulos de textos literarios integrados nunha obra común.

c) Nos índices respectamos a acentuación das cabeceiras orixinais tanto dos títulos dos artigos como dos nomes e apelidos de colaboradores e colaboradoras.

d) No índice de colaboradores citamos o nome e apelidos dos autores e as autoras nas distintas variantes utilizadas ao longo dos catro números da revista.

ESCOLA TIPOGRÁFICA DA OFICINA DE SÃO JOSÉ
RUA DE ALEXANDRE HERCULANO, 123 — P O R T O

Esta edición facsimilar ve luz
o 18 de decembro do 2020,
coincidindo co sesenta aniversario da aparición
da revista *Céltica* e da constitución do
Círculo de Estudos Galaico-Portugueses,
iniciativas ambas as dúas impulsadas
por Manuel Oliveira Guerra



ISBN 978-84-453-5371-4



9 788445 353714

